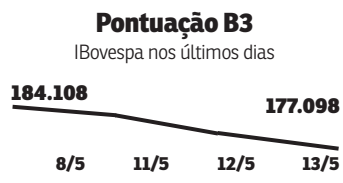
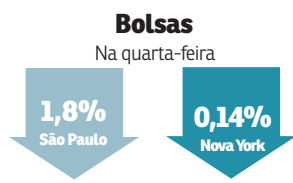




6 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 14 de maio de 2026



Na quarta-feira
R\$ 5,008
(+ 2,31%)

Dólar

	Últimos
7/maio	4,923
8/maio	4,893
11/maio	4,891
12/maio	4,895

Salário mínimo
R\$ 1.621

Euro
Comercial, venda na quarta-feira
R\$ 5,866

CDI
Ao ano
14,40%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
14,38%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Novembro/2025	0,18
Dezembro/2025	0,33
Janeiro/2026	0,33
Fevereiro/2026	0,70
Março/2026	0,88

COMBUSTÍVEIS

Governo subsidia preço da gasolina

Por meio da ANP, será criada uma subvenção de até R\$ 0,89 por litro do produto, produzido no Brasil ou importado

» ANDREA MALCHER

O Ministério de Minas e Energia (MME) anunciou, ontem, a edição de uma medida provisória (MP) para tentar frear a alta nos preços dos combustíveis, causada pelo conflito entre Estados Unidos e Irã. O texto cria uma subvenção, isto é, um auxílio de custeio, de até R\$ 0,89 por litro de gasolina, produzida no país ou importada, que será pago com recursos do Orçamento, por meio da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). A compensação prevista sairá da alta na arrecadação do petróleo.

Ontem, o ministro do Planejamento e Orçamento, Bruno Moretti, explicou que os R\$ 0,89 representam o valor máximo previsto, mas a tendência é que o subsídio varie entre R\$ 0,40 e R\$ 0,45 por litro. Neste caso, o impacto calculado pelo ministro ficará entre R\$ 1 bilhão a R\$ 1,2 bilhão. A medida deve ter a duração de dois meses, quando, então, passará por uma reavaliação. O objetivo é de que a subvenção se equipare ao imposto pago por litro de gasolina hoje: R\$ 0,89 por litro. Ou, como definiu Moretti, seria uma forma de “devolver para o agente produtor o tributo”.

A MP permite que o mesmo benefício seja aplicado ao diesel, uma vez que, neste mês, perde a validade outra MP, assinada em março, que isentou o diesel do PIS/Cofins. Considerando a projeção da subvenção intermediária da gasolina e a subvenção praticada hoje para o diesel, o governo estima um impacto de R\$ 2,7 bilhões por mês.

Neutralidade

Sobre a obrigação de apontar uma nova fonte de receita a toda nova despesa, como previsto pela Lei de Responsabilidade Fiscal, Moretti explicou a medida é uma “espécie de cashback” do tributo,

Ricardo Botelho/MME



Na coletiva de imprensa, o ministro Silveira conclamou as distribuidoras a “fazerem a sua parte” para evitar a elevação de preços

já que está associada à maior arrecadação com o petróleo. Portanto, a MP não irá desrespeitar a lei e terá efeito neutro. “A premissa da neutralidade fiscal, a premissa da cautela de sempre, as medidas a serem feitas para um período de tempo, tudo para elas poderem ser reavaliadas”, frisou ele.

“O presidente nos determinou que o Brasil não poderia ser sócio da guerra. Não faria sentido ter um Estado rico e uma sociedade pobre. O que a gente pretende, aqui, fazer é converter uma parcela dessa arrecadação adicional em medidas de mitigação dos impactos de preço e, ao fazê-lo, sempre resguardar a premissa da neutralidade fiscal”, pontuou Moretti, lembrando que o objetivo é neutralizar os efeitos da guerra sobre a economia brasileira. “De modo que todas as nossas metas fiscais, limites, metas de resultados primário

estão preservadas e estão sendo devidamente perseguidas”.

A MP é anunciada após a tentativa frustrada de aprovar rapidamente um projeto de lei complementar (PLP) que busca usar a receita extraordinária do petróleo para reduzir os impostos sobre os combustíveis. A relatora Maruska Boldrin (Republicanos-GO) não avançou com seu parecer a tempo de coincidir com um novo reajuste nos preços, como era a intenção do governo.

Alta dos preços

O último reajuste feito pela Petrobras à gasolina, em janeiro, trouxe uma redução do valor médio nas refinarias de R\$ 0,14, fixando o preço em R\$ 2,57, porém levando em conta um cenário anterior ao do fechamento do estreito de Ormuz.

Com a alta do petróleo, a estatal, que vinha absorvendo o prejuízo nas próprias contas, acabou pressionada a elevar o preço. Na terça-feira, a presidente da Petrobras, Magda Chambriard, sinalizou o aumento iminente.

Alexandre Silveira, não escondeu a urgência do governo para conter os efeitos na bomba e fez um apelo para que as distribuidoras, citando diretamente a Vibra, Ipiranga e Raízen, e os postos de gasolina acelerem o repasse das medidas tomadas pelo governo federal.

“Eu faço, aqui, o chamamento à Vibra, à Ipiranga, à Raízen, aos postos de gasolina, que contribuam com o país — não com governo, com o país. Num momento de guerra, há de se haver esse espírito, o espírito cívico e o espírito da compreensão de que se há um esforço por parte do poder

público, há de se haver também a participação do setor privado para que nós alcancemos esse objetivo”, pontuou Silveira.

Para Paulo Tavares, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Combustíveis e Lubrificantes do Distrito Federal (Sindicombustíveis-DF), ainda é cedo para avaliar a medida e o impacto real nos preços repassados aos consumidores, mas ele observou que é importante um diálogo mais próximo entre o governo e o setor. “Acho que o governo precisa tentar chamar as distribuidoras; os sindicatos dos postos de combustíveis; o Instituto Combustível Legal; a Abicom (Associação Brasileira de Importadores de Combustíveis); para uma reunião, uma parceria e tentar convencê-los a aderirem a esse processo. Acho esse o melhor caminho”, opinou.

Petrobras no topo

» ROSANA HESSEL

O conflito no Oriente Médio está fazendo o mercado de petróleo lucrar como nunca e, apesar da defasagem dos preços de combustíveis da Petrobras praticados no mercado doméstico em relação ao externo — estimada entre 70% e 80% —, a estatal brasileira ainda está lucrando como nunca. Conforme levantamento elaborado pela Elos Ayta, a companhia encerrou o primeiro trimestre de 2026 como a petroleira mais lucrativa do mundo entre as companhias do setor, com valor de mercado superior a US\$ 50 bilhões.

De janeiro a março, a estatal brasileira lucrara US\$ 6,25 bilhões, dado que superou os lucros de gigantes globais, como Shell (US\$ 5,69 bilhões) e Exxon Mobil (US\$ 4,18 bilhões), conforme os dados levantados pela Elos Ayta. Assim, a petroleira brasileira assumiu a liderança em um ranking que reúne as maiores empresas de petróleo e gás listadas no Brasil e no exterior.

“O resultado chama atenção porque, em reais, o lucro líquido da Petrobras recuou de R\$ 35,2 bilhões no primeiro trimestre de 2025 para R\$ 32,6 bilhões no mesmo período de 2026. A liderança em dólares foi favorecida pela valorização do real frente à moeda norte-americana: o dólar Ptax médio caiu de R\$ 5,85, no primeiro trimestre, de 2025 para R\$ 5,26 no primeiro trimestre de 2026”, explicou o diretor e sócio fundador da Elos Ayta, Einar Rivero.

“Na prática, a apreciação cambial elevou o valor do lucro da companhia quando convertido para dólares, moeda utilizada como referência por investidores internacionais”, acrescentou o analista.

CONSUMO

Vendas do varejo registram alta de 0,5% em março, aponta IBGE

» RAFAELA GONÇALVES

O volume de vendas do comércio varejista cresceu 0,5% em março na comparação com fevereiro, já descontados os efeitos sazonais. Os dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgados, ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), também mostram alta de 4,0% frente a março de 2025. No acumulado de 12 meses, o varejo registra alta de 1,8%. No acumulado do ano, o avanço é de 2,4%.

O desempenho do comércio varejista em março foi marcado pela predominância de resultados positivos, com avanço em cinco das oito atividades pesquisadas. O principal destaque ficou com o segmento de equipamentos e material para escritório, informática e comunicação, que registrou alta de 5,7%.

Também apresentaram crescimento os setores de combustíveis e lubrificantes, com avanço de 2,9%,

e de outros artigos de uso pessoal e doméstico, igualmente com expansão de 2,9%. Livros, jornais, revistas e papeleria tiveram elevação de 0,7%, enquanto artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria cresceram 0,1%.

Apesar do cenário de juros elevados e crédito mais caro, o consumo das famílias brasileiras segue mostrando resiliência, especialmente em segmentos ligados ao dia a dia. Para Roberto Jalonetsky, o comportamento do consumidor reflete uma mudança nas prioridades de compra. “O dado indica que o consumidor segue comprando, mas prioriza categorias ligadas a conveniência, bem-estar, saúde e rotina”, avalia.

Na outra ponta, duas atividades encerraram o mês em queda. O segmento de hiper e supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo recuou 1,4%, enquanto móveis e eletrodomésticos registraram retração de 0,9%. Já o setor de tecidos,

Flow



No resultado acumulado do ano, o avanço é de 2,4%

vestuário e calçados permaneceu estável na comparação com fevereiro.

“O varejo acima do esperado em março indica que a demanda segue mais resiliente do que o compatível

com o nível atual de juros, mantendo a economia aquecida e reduzindo o espaço para flexibilização monetária no curto prazo, ainda que já se observe deterioração marginal

nos segmentos mais dependentes de crédito, o que reforça a necessidade de maior seletividade em consumo e crédito”, avalia Sidney Lima, analista da Ouro Preto Investimentos.

Varejo ampliado

No comércio varejista ampliado, que engloba itens de maior valor agregado, o segmento de material de construção registrou alta de 1,6% em março, reforçando o desempenho positivo do setor. Em contrapartida, a atividade de veículos e motos, partes e peças apresentou retração de 0,6% na comparação com fevereiro.

Para Peterson Rizzo, gerente de R.I da Multiplike, o dado é positivo, mas não deve mascarar o pano de fundo. “O endividamento das famílias segue renovando máximas históricas e a inadimplência permanece em patamares elevados, evidenciando que o consumo atual se sustenta mais pelo comprometimento

da renda futura do que por ganhos reais de poder de compra”, afirmou.

Na avaliação de Rizzo, o cenário inflacionário ainda pressionado e as incertezas externas devem manter a taxa básica de juros em um nível elevado por mais tempo, mesmo com impactos crescentes sobre o consumo e o crédito. “Com a inflação acumulada pressionada por alimentos e combustíveis, agravada pelas tensões geopolíticas no Oriente Médio, a Selic em patamar restritivo segue necessária para ancorar as expectativas, porém já impõe custos significativos ao comércio e ao crédito, especialmente para micro e pequenas empresas e famílias de menor renda”, observou.

O cenário, segundo ele, exige cautela. “A desaceleração do varejo tende a se aprofundar nos próximos meses à medida que os efeitos defasados da política monetária restritiva se consolidem sobre a atividade”, acrescentou.